ENTRE LIMIARES E FRONTEIRAS: O FAZER PEDAGÓGICO EM MUSEUS
AMONG THRESHOLDS AND BORDERS: THE PEDAGOGICAL PRACTICE IN MUSEUMS

Patrícia Braga do Desterro[13]

Resumo
No presente texto busco refletir, a partir de minha experiência pessoal, sobre o fazer do pedagogo no museu. Ao longo do texto apresento alguns relatos e crônicas formuladas a partir de visitas com grupos escolares da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental no Museu Nacional da UFRJ pelo projeto A Caixa Misteriosa do Museu. A reflexão aqui proposta visa pensar o fazer pedagógico nesses espaços numa perspectiva de limiar, provocando a pensar a formação do(a) pedagogo(a) para além das fronteiras da escola, numa interlocução com outros espaços educativos, como, por exemplo, os museus. Numa ideia de limiar como trânsito, movimento, deslocamento. Tomo aqui os conceitos de limiar e fronteira trazidos por Jeanne Marie Gagnebin com base em Walter Benjamin.
Palavras-chave: Atuação do pedagogo. Educação museal. Formação. Infância.

Abstract
In the current text I seek to reflect, from my personal experience, about the pedagogical practice in the museum. Throughout the text I present some reports and chronics formulated and based on Primary and first grades elementary school groups´ visits in the National Museum from UFRJ by the project The Mysterious Museum Box. The reflection proposed aims to think about the pedagogical practice in these spaces at a threshold view, encouraging to think about the pedagogue formation beyond the borders of school, considering dialogues with other educational spaces, such as, museums. Regarding threshold as flow, movement, shifting. I understand the concepts of threshold and border introduced by Jeanne Marie Gagnebin based on Walter Benjamin.
Keywords: Pedagogue performance. Museum education. Degree. Childhood.

[13] Técnica em Assuntos Educacionais do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pedagoga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea. E-mail: patriciadesterro@mn.ufrj.br. Contato: (21) 3083-6269.

Era tarde, talvez uma tarde de outono, pois corria uma brisa fria por entre os corredores do Paço de São Cristóvão. Havia um burburinho de crianças. Elas andavam apressadamente deslizando no piso de madeira. Conforme andavam, o piso rangia. Algumas, jogavam os corpos, escorregando no piso encerado. Logo, recebiam uma chamada de algum dos seguranças. “Não pode fazer isso, é perigoso!” Elas fingiam obedecer, mas voltavam a fazer tão logo o vigia dava as costas. Algumas, atentas às explicações dos mediadores, os seguiam pelos corredores acompanhadas por seus professores e professoras. Outras, nem tão atentas, se divertiam com os objetos, tiravam fotos, ou simplesmente conversavam sobre outros assuntos, um pouco entediadas, talvez. Era mais um dia comum de visitas escolares. Pelo menos, era o que eu pensava.

Havia resolvido acompanhar os grupos de Educação Infantil, para ver como as mediadoras lidavam com as crianças pequenas. Me interessava, nesse processo, como os adolescentes secundaristas, bolsistas do Museu, estavam mediando as crianças pequenas pelas exposições. Eu e meu olhar de pedagoga! Não pretendia interromper, meu interesse estava em observar.

Estávamos quase no meio da visita. Já havíamos passado pelo surgimento do planeta Terra, as primeiras formas de vida, os dinossauros, a era do gelo, os primeiros homens, suas dificuldades em sobreviver às adversidades do caminho, até que algum “espertinho” descobriu como fabricar o fogo! Foi aí que outro espertinho, um menino de seus cinco anos, levanta uma das mãos e pergunta à mediadora: “Tia, você sabe o que é o fogo da vida?” A mediadora se calou por alguns segundos, fiquei esperando para ver o que ela iria responder, mas esta não respondeu nada. Continuou sua narrativa. Parecia que a pergunta não havia sido feita. Eu me calei. Fiquei pensativa, mas nada disse. Que arrependimento carrego por isso! Essa pergunta ressoa na minha cabeça até hoje... Desde então, sigo a me perguntar mentalmente: Você sabe o que é o fogo da vida?

A crônica acima faz parte da minha dissertação de mestrado cujo título é “Você sabe o que é o fogo da vida? Narrativas de crianças sobre o Museu Nacional”

(DESTERRO, 2020). Trago esse pequeno fragmento de uma experiência vivida na instituição para pensarmos o fazer do pedagogo nesse espaço. Ao longo desse texto trarei algumas outras crônicas e relatos que mostram de uma forma mais dinâmica as especificidades do fazer pedagógico com crianças.

O Museu Nacional é meu local de trabalho desde o ano de 2016. Lá atuo como técnica em assuntos educacionais na Seção de Assistência ao Ensino (SAE). Meu trabalho está diretamente ligado às visitas escolares e à mediação. Atuo junto aos mediadores, estudantes do Ensino Médio do Colégio Pedro II e bolsistas dos cursos de licenciatura da UFRJ. Meu trabalho consiste em coordenar o trabalho deles, organizar cursos de formação de mediadores e pensar propostas educativas para o público infantil, entre outras atividades.

Desde minha chegada à instituição tenho me dedicado a pensar o fazer pedagógico, sobretudo com crianças no espaço museal. Em minha formação acadêmica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, poucos foram os momentos em que foi possível refletir sobre o fazer educativo para além das fronteiras escolares. Não é que não se falava numa educação fora dos muros da escola. Na verdade, em relação ao currículo, começava-se a pensar a pedagogia e a atuação do pedagogo em outras instituições, mas ainda era algo incipiente e o enfoque estava mais voltado para a pedagogia nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais e nas empresas. Pensar o fazer educativo em museus não estava em nosso currículo na época.

Ao longo da minha trajetória profissional, atuei como docente em turmas de Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Nesse período de magistério nunca visitei instituições museais, ou quaisquer outras, com meus alunos. Primeiro, por uma questão material, trabalhava numa rede municipal da baixada fluminense e tínhamos poucos recursos para atividades fora da sala de aula; segundo, por causa de minha própria formação. Como disse anteriormente, pensar a educação fora das fronteiras da escola, não era tão presente nas práticas curriculares acadêmicas naquele período. E eu mesma, na minha vida particular, visitava pouco essas instituições nos momentos de lazer.

Tento fazer aqui uma reflexão a partir de minha experiência profissional para pensarmos sobre os lugares que ocupamos em nosso fazer pedagógico, refletindo sobre a relação entre limiar e fronteira. Quando nossa formação profissional se coloca como fronteira e quando se coloca como limiar? Quando nosso fazer está no limiar ou na fronteira de algo? Como pensar a formação como início de um processo que se dá ao longo da vida, numa perspectiva mais ampla, como limiares de formação?

O conceito de fronteira, de acordo com Jeanne Marie Gagnebin (2010), está relacionado com limite, uma forma bem definida, que evita um transbordamento. Tem relação com delimitação de um espaço, de um território ou domínio. A autora se inspira nos textos de Benjamin. Para o filósofo os conceitos de limiar e de fronteira devem ser rigorosamente diferenciados. A fronteira é baseada em normas, em regras que não podem ser transpostas facilmente. Nas palavras da autora, "sua transposição sem acordo prévio ou sem controle regrado significa uma transgressão, interpretada no mais das vezes como uma agressão potencial" (GAGNEBIN, 2010, p. 13).

O conceito de limiar, no entanto, é mais tênue, mais transitório e metafórico. A autora nos traz exemplos da arquitetura que colocam o limiar como um lugar de passagem, de transição, como os corredores, portões de entrada, salas de espera, recepções, etc. O limiar tem relação com o espaço e com o tempo. Está relacionado não apenas com local físico de transição, mas com as transições ligadas ao tempo, à vida, aos ritos de passagem, às mudanças pelas quais passamos, onde deixamos um local, ou o que somos, e adentramos em outro local, ou modo de vida, sobre o qual nada sabemos. Ele remete ao que se situa entre duas categorias, entre diferentes tempos e espaços que se ligam. Esse limiar desencadeia experiências, transformações, aprendizagens.

Como pedagoga, ao longo de minha formação voltada para a escola, para a dinâmica da sala de aula e para as relações entre professora e alunos, estive no terreno da fronteira. A fronteira imposta a mim pelo currículo e a fronteira imposta a mim pelos meus próprios hábitos, pela forma como eu mesma encarava o fazer pedagógico e minha relação com o mundo. Caminhava no âmbito das fronteiras e não ousava transpô-

las. Mas a vida nos coloca em movimento, nos convida a caminhar, sem nos dizer previamente como esse caminho deve ser trilhado.

E foi assim, com os pés nas fronteiras de minha formação que, após um concurso público para técnica em assuntos educacionais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, comecei a atuar profissionalmente na Universidade. Meu primeiro campo de atuação foi a Pró-Reitoria de Graduação. Nesse setor minha experiência se deu no âmbito do currículo, sobretudo da estrutura curricular dos cursos de graduação, da legislação e da implementação das reformas curriculares nestes cursos. Um trabalho que se distanciava da docência mas que se aproximava das áreas teóricas mais voltadas para a legislação, estrutura e organização do ensino superior. Após quase seis anos neste setor, consegui transferência para o setor educativo do Museu Nacional. Lá tive que repensar a minha formação e o que entendia por educação para além das fronteiras da educação formal.

Pensar a educação no espaço museal, tem me possibilitado refletir sobre o fazer educativo como limiar. O limiar remete a esse locus onde é possível o trânsito, onde é possível o ir e vir. Está associado ao tempo, ao espaço. Limiares são portais de acesso onde é possível penetrar novos espaços, conhecer, aprender, se perder. Os desafios impostos a mim naquele novo espaço de atuação foram muitos. Num primeiro momento era preciso conhecer mais sobre o setor educativo, suas práticas, a relação com o público do Museu, quais os limiares e fronteiras que demarcavam aquele espaço.

Chegando ao Museu Nacional fui encaminhada para a Seção de Assistência ao Ensino – SAE . A SAE é o setor educativo mais antigo de museus no país, foi fundada em 1927 por Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), então diretor do Museu Nacional. E desde a sua fundação tem buscado ampliar o diálogo entre o Museu e a sociedade, com ações de divulgação científica e educativas destinadas aos diferentes públicos da instituição, tendo como principal público o escolar. As visitas escolares eram uma rotina no Museu Nacional e aconteciam sobretudo ao longo da semana, nos finais de semana o público mais comum era o de visitação espontânea formado por famílias e pessoas de diferentes idades. O Museu Nacional possui características que o diferenciam de outros museus de

ciência. É um museu de História Natural e Antropologia que possui/possuía[14] um acervo muito diverso que ia desde objetos etnológicos a materiais zoológicos. Havia uma diversidade imensa de acervo com destaque para o acervo de egiptologia, com múmias e estatuetas do Egito antigo, aos fósseis de dinossauros, sem falar do maior meteorito encontrado em nosso território: o meteorito de Bendegó e do fóssil de Luzia, o fóssil humano mais antigo encontrado nas Américas. Além desse amplo acervo, o Museu Nacional fica localizado no Parque da Quinta da Boa Vista, no Paço de São Cristóvão, antiga residência imperial.

Chegar ao Museu Nacional num primeiro momento me trouxe dúvidas sobre a minha capacidade de atuar numa instituição saindo das minhas fronteiras formativas, dos muros que eu mesma me coloquei e que me davam um certo "conforto" e "segurança". Como reaprender a caminhar para além desses muros? Num primeiro momento foi preciso estudar. Aprender conceitos novos, dialogar com quem já vinha fazendo esse trabalho há mais tempo, pesquisar sobre as diferentes ciências produzidas naquele espaço. Refletir sobre esses fazeres novos que se colocavam como desafios a serem superados, pensando que era preciso ter um domínio desses saberes para também conseguir torná-lo acessível ao público visitante.

No Museu Nacional venho atuando em diferentes frentes relacionadas à educação museal. Num primeiro momento precisei conhecer mais sobre as especificidades dessa área de atuação, pois há diferenças relacionadas ao trabalho educativo nos museus e na escola, por exemplo. Nesse aspecto, os museus se caracterizam como um espaço de educação dentro daquilo que se convencionou chamar de educação não formal, diferenciando-se da escola que se enquadraria na educação formal. De acordo com Trilla (2008) o que diferencia a educação formal da

[14] O Museu Nacional sofreu com um terrível incêndio ocorrido na noite do dia 2 de setembro de 2018. Tal incêndio destruiu boa parte de seu acervo e danificou o prédio histórico. Hoje o prédio passa por uma reforma e as atividades de pesquisa e os cursos de Pós-Graduação vêm acontecendo na área anexa ao Museu e no Horto botânico que abriga a biblioteca principal do Museu Nacional. As atividades educativas desenvolvidas pela SAE têm acontecido no âmbito das escolas com o projeto "o museu vive nas escolas" e algumas se mantêm no próprio horto como o curso de extensão Jovens Cientistas que acontece em parceria com outros setores do Museu e com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e no âmbito do Parque Municipal da Quinta da Boa Vista com o projeto "O Museu ocupa a Quinta: Encontros com a comunidade". Para maiores informações ver: https://saemuseunacional.com/ e http://www.museunacional.ufrj.br/

educação não formal é que a primeira está subordinada a um conjunto de leis, normas dentro de uma estrutura administrativa com objetivo de garantir títulos por meio de instrumentos de avaliação, já a educação não-formal seria “aquilo que permanece à margem do organograma do sistema educacional graduado e hierarquizado” (TRILLA, 2008, p.40). No Caderno da Política Nacional de Educação Museal, Marandino (2018, p. 78) faz um breve apanhado dos conceitos de Educação Formal, Não-Formal e Informal, onde cita o documento da UNESCO (1972), “Learning to be - The Faure Report”, que influenciou a divisão do Sistema Educacional nestas três perspectivas. De acordo com o documento citado pela autora nos cadernos da PNEM (2018, p. 78):

> Educação formal: sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional. - Educação não formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem. - Educação informal: verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – da família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa.

Contudo, quando se busca pensar a dimensão educativa dos museus têm se buscado pensar a educação de uma forma integral, sem dicotomizar educação formal e não formal. O que se busca é olhar as especificidades de cada uma a partir de suas contribuições para uma visão de educação integralizadora que busque formar os sujeitos para atuarem criticamente no mundo. De acordo com Castro (2015, p. 182) a educação museal tem por objetivo:

> O desenvolvimento da sensibilidade, da percepção da forma, do reconhecimento e controle dos sentimentos, do senso estético, o reconhecimento de uma cultura universal, historicamente construída, fruto de conflitos e consensos, exemplificada em objetos musealizados; a troca de saberes específicos e a apropriação do conhecimento historicamente produzido e representado nos acervos, além da compreensão das relações de poder deles constituintes; seu

> potencial de espaço de divulgação científica, artística e histórica referenciada no objeto musealizado, na análise de seu contexto histórico, social, cultural, político, de produção e a identificação das motivações de sua musealização; a compreensão dos modos de viver a experiência de estar no museu, de ler suas mensagens, sua linguagem e de utilizar suas ferramentas, de entender seu espaço e suas maneiras de expor, associando-a à necessidade de preservação e conservação; o incentivo à apropriação cultural, dos espaços, do conhecimento e da própria ideia de museu e o cultivo do sentimento de pertencimento entre os seus diferentes públicos.

A Educação Museal busca o desenvolvimento do visitante. Busca dialogar com os diferentes públicos que frequentam os museus. De acordo com o Caderno da Política Nacional de Educação Museal (2018, p. 74)

> A Educação Museal coloca em perspectiva a ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade, ao mesmo tempo em que contribui para que os sujeitos, em relação, produzam novos conhecimentos e práticas mediatizados pelos objetos, saberes e fazeres. Possui também estrutura e organização próprias, que podem relacionar-se com outras realidades que não a específica dos museus, de acordo com os objetivos traçados no seu planejamento. São ações fundamentalmente baseadas no diálogo. Isso inclui o reconhecimento do patrimônio musealizado, sua apropriação e a reflexão sobre sua história, sua composição e sua legitimidade diante dos diversos grupos culturais que compõem a sociedade.

Dessa forma, ao pensarmos o espaço museal como um espaço educativo, é imprescindível a implementação de ações educativas que visem a formação dos sujeitos na relação com os bens musealizados, pensando de forma crítica esses objetos e sua relação com a sociedade, possibilitando uma ação efetivamente participativa na mesma.

O grande desafio que se colocava a mim e a toda equipe do setor educativo do Museu Nacional, sobretudo às pedagogas que nele[15] atuam, era pensar propostas educativas no âmbito da educação museal que contemplassem o público infantil, sobretudo as crianças menores de seis anos, buscando dar conta de atender às

[15] O setor educativo do Museu Nacional é composto por uma equipe multidisciplinar, na atuação direta com a mediação contamos com profissionais com formação em Pedagogia, História e Ciências Biológicas, além dos estagiários de nível médio e superior.

necessidades e particularidades dessa faixa etária, de forma a tornar a experiência museal mais atraente para as crianças pequenas, promovendo uma maior interação com o acervo. Em muitos casos, as visitas de turmas de Educação Infantil estavam relacionadas a um projeto escolar, sempre vinculadas a uma temática específica. Havia uma barreira que precisava ser transposta, formular uma ação educativa que contemplasse as crianças mais novas e que provocasse os docentes a ver o Museu Nacional como um espaço de infância, um espaço comprometido com esse público e com suas especificidades e pensar a visita ao Museu de forma desvinculada do currículo, ou seja, ela poderia acontecer sem estar relacionada a um projeto específico. Pensar a visita para além das fronteiras curriculares. De acordo com Lopes (1991, p. 451):

> (...) os museus organizam suas visões de mundo sobre aspectos científicos, artísticos, histórico, sem a mesma ordem sequencial da escola, sem seus esquemas de urgência de aprendizado, de prazos rígidos ligados a planejamentos muitas vezes burocráticos, podendo possibilitar que as pessoas, por sua escolha – de museus, de trajetos em seu interior, de tempos dedicados a um aspecto ou outro, de preferências -, entrem em contato com as leituras da realidade muitas vezes diferentes ou nem mesmo veiculadas pela escola.

O encontro entre o Museu e a Escola pode possibilitar experiências enriquecedoras, onde o museu pode oferecer novas perspectivas acerca de variados assuntos que podem se somar às experiências pessoais dos estudantes e provocar interessantes intercâmbios entre os saberes aprendidos no âmbito escolar e os aprendidos no museu em diálogo com a vivência de cada um. Pereira e Carvalho (2010), ao abordarem os sentidos do tempo na relação museu-escola, falam sobre uma aprendizagem da errância para abranger questões relativas à fluidez do tempo e do esquecimento nos atos de memória. Os autores afirmam que o museu pode oferecer uma experiência de educação em deslocamento. Para esses autores, "há no museu objetos sem-lugar intrínseco que se oferecem, quando arranjados, ao exercício da imprevisibilidade, da prática do conflito, das mudanças e da experiência de devastação e de limite" (PEREIRA; CARVALHO, 2010, p. 392).

Era preciso pensar na visita das crianças ao Museu de maneira a torná-las autoras e interlocutoras da narrativa museal. Víamos a importância de uma participação efetiva das crianças ao longo das visitas e que fosse a elas permitido explorar ludicamente o

espaço museal de maneira que tornasse possível se apropriarem dele, atribuindo significado ao visto/vivido ao longo da visita. Tínhamos em conta que a riqueza das experiências vivenciadas propiciariam uma quantidade maior de materiais que serviriam de base imagético e simbólica para as crianças, já que, por oferecer uma riqueza de acervo que permitem e convidam à fruição, os museus se tornam espaços propícios para o desenvolvimento da imaginação e da capacidade criativa de meninas e meninos. O museu, ao tratar de diferentes temas e culturas, deve permitir que as crianças se apropriem de seu espaço dando a elas condições de se tornarem autoras de outras narrativas para além daquelas pré-concebidas nas exposições.

> A comunicação museológica só se efetiva quando o discurso do museu é incorporado pelo visitante e integrado ao seu cotidiano em forma de um novo discurso. O público se apropria do discurso museológico, (re)elabora-o, e então cria e difunde um novo discurso e o processo recomeça, sendo que esse novo discurso será apropriado por outros e a história se repete (CURY, 2009, p. 89).

Ao se apropriarem do espaço as crianças se tornam sujeitos do museu, compondo outras versões da história oficialmente contada, suas narrativas também estão impregnadas de história e nos falam sobre o tempo em que vivemos. Permitir que elas se tornem autoras nestes espaços nos possibilita olhar para os objetos expostos sobre outras perspectivas.

Dessa forma, buscamos num primeiro momento dialogar com a equipe de mediadores do Museu. Essa equipe era formada por jovens estudantes do ensino médio do Colégio Pedro II e estudantes dos cursos de graduação da UFRJ[16]. Fazíamos reuniões semanais para estudo onde pude, em colaboração com outras colegas também pedagogas, trazer alguns autores que abordavam a relação da infância com o museu como Maria Isabel Leite, Cristina Carvalho, Sônia Kramer, assim como estudiosos do campo da infância e da educação como Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, entre outros, para discutir a relação entre aprendizagem, conhecimento, infância e museus. Esses estudos

[16] Nessa época tínhamos no Museu Nacional estudantes bolsistas PIBIC dos cursos de licenciaturas em Ciências Biológicas, História, Filosofia, Ciências Sociais, Letras Português-Libras e História da Arte, havia vagas de bolsas para os estudantes da Pedagogia mas não tivemos procura.

possibilitaram a emergência de projetos como A Caixa Misteriosa do Museu Nacional e a colônia de férias Tem criança no Museu: de férias com a Ciência. Atividades voltadas para crianças menores de 8 anos. Trago para a nossa conversa um breve relato sobre a atividade educativa A Caixa Misteriosa do Museu e alguns relatos das crianças para pensarmos a infância nas propostas educativas do Museu Nacional e ao final faço uma análise da relação entre infância e museu e a atuação profissional do pedagogo nesses espaços.

A Caixa Misteriosa do Museu Nacional: uma proposta de visita educativa com crianças

Pensar no museu como um espaço de infância nos faz refletir nas práticas dirigidas ao público infantil nestes espaços. No Museu Nacional algumas práticas haviam sido pensadas com o objetivo de contemplar as crianças de 3 a 8 anos. Como mencionado acima, essas atividades foram pensadas nos encontros de formação com os mediadores do Museu, onde buscávamos aliar o conhecimento teórico à prática da mediação, pensando propostas educativas coerentes com aquilo que desejávamos realizar junto aos diferentes públicos, essa atividade foi formulada a partir das experiências de mediação com as crianças.

A Caixa Misteriosa do Museu Nacional, consistia em uma visita mediada pelas salas do Museu Nacional. Geralmente, a visita contemplava as sala de Meteorítica, Paleontologia, Evolução Humana, Egito Antigo e Etnologia Indígena. A atividade era realizada por meio de agendamento onde as escolas preenchiam um questionário que servia de base para o planejamento da visita pelos educadores. Eram atendidas em cada visita cerca de 25 crianças de escolas públicas e particulares da Educação Infantil (a partir de 3 anos) e do terceiro ano do Ensino Fundamental. A visita durava no máximo 60 minutos e ao longo da visita as crianças eram convidadas a partilhar hipóteses sobre as origens da vida no planeta, a relação dos animais e seres humanos com o meio ambiente e a cultura, havia a presença de uma caixa onde eram colocados objetos do acervo da Seção de Assistência ao Ensino. Essa caixa era utilizada durante toda a visita e ficava com os mediadores que, em determinado momento, abriam a caixa e

compartilhavam os objetos com as crianças. Esses objetos correspondiam às exposições do Museu. Eram eles: fósseis, lupas, meteoritos, objetos de etnologia indígena e africana, penas de animais, animais taxidermizados (uma preguiça adulta e filhote), uma réplica do crânio do Maxakalisaurus Topai, uma múmia feita de pano, entre outros objetos que variavam conforme a visita. Durante a visita com a Caixa, as crianças podiam tocar nestes objetos, compará-los com outros da exposição, sendo estimuladas a tecer hipóteses sobre as origens da vida no planeta e a relação do ser humano com a natureza e a cultura. As visitas com a Caixa Misteriosa do Museu Nacional ocorreram ao longo do ano de 2018 e tiveram término após o incêndio.

A seguir apresento algumas observações realizadas com grupos escolares agendados para visitas no referido projeto:

“Se as águias voam, a gente pode voar também!”

Estavam lá, na sala de aves, um grupo de crianças da Educação Infantil de uma escola privada da zona sul do Rio de Janeiro. A turminha estava agitada, querendo ver dinossauro, mas a mediadora que conduzia o grupo pela visita parou na sala de aves. – Ninguém estava muito interessado em aves! – Mas seguiram a jovem que os “guiava” pelo Museu, pois a professora havia lhes dito que “toda sala tem seus segredos.”

A mediadora os chamou para mais perto, fez um clima de suspense e tirou de dentro da caixa uma pena. Ela estava com uma pena nas mãos e fazia algumas perguntas às crianças:

Mediadora: - Vocês sabem por que as aves voam?

Crianças: - Porque têm penas!

– Porque são leves!

Mediadora: - Pessoal, toquem com cuidado! – Referindo-se a pena.

Criança: - O bicho tá morto, não vai machucar!

A mediadora mostrou como a pena mais rígida ajudava as aves a se posicionarem com relação ao vento. Nesse momento, uma das crianças disse:

- Se as águias voam, a gente pode voar também!

A mediadora ficou surpresa com a afirmação da criança e perguntou:

- A gente pode voar também?

A maioria das crianças respondeu que "não", e um dos meninos retrucou:

- Os homens criaram os aviões para a gente voar.

Um outro menino disse:

- Na Praia Vermelha tem uma estátua de um homem com asas de cera. As asas de cera derretem com o sol.

Um terceiro falou:

- Para o homem voar ele pega duas águias, segura e sai voando!

E o colega completou:

- Tem que ter três águias!

“Se bater com as chaves a múmia acorda!”

Um grupo de vinte crianças da Educação Infantil estava na sala do Egito antigo e ouviam o mediador que falava sobre uma das múmias. Alguns estavam curiosos, outros com certo medo, alguns cochichavam para não acordar as moradoras daquela sala. Estavam sentados em roda. A sala era meio escura, o que poderia tornar o ambiente mais assustador ou mais curioso.

As crianças queriam olhar as múmias, mas algumas queriam mesmo era sair daquela sala bem depressa.

O mediador perguntou para elas:

- Vocês sabem o que é uma múmia?

Silêncio.

- De que eram feitas as múmias? – perguntou o mediador

- Eram enroladas com papel! – respondeu uma criança.

O mediador explicou o que era uma múmia, contou a história de como surgiu a primeira múmia. Foi quando uma menina levantou uma das mãos:

- Quando ela saiu da caixa de cereal, ela virou múmia e sumiu.[17]

[17] Ficamos intrigados com a fala da criança e descobrimos ser de um desenho infantil “Miss Moon” que passa num canal de tv a cabo. Num episódio da série a personagem, uma criança, estava colecionando

O mediador, fez uma expressão de interrogação... Quando outra criança completou a história:

- Então cadê a chave da múmia? – Neste momento, estavam todos em torno do esquife da Sha-Amun-en-su – a favorita do Imperador Pedro II.

- A múmia vai acordar quando a gente bater uma chave na outra e aí o caixão vai se abrir, ela vai se levantar e vai para outra dimensão... Disse um menino.

Melhor mesmo deixar que elas continuem em seu sono eterno...

Ao longo das visitas com os grupos de crianças, tentávamos registrar suas falas, dúvidas e posturas que nos chamavam a atenção para termos um registro das visitas e, com base nesses registros, buscávamos avaliar nossa prática e repensar aquilo que víamos que precisava de ajustes e maior reflexão. Dessa forma, o trabalho da mediação se dava não apenas no planejamento prévio da visita e na visita em si, mas também na ação posterior a mesma, num processo de avaliação contínua que ajudava a pensar nossa proposta e direcionar nossos estudos.

As atividades de mediação no projeto A Caixa Misteriosa costumavam acontecer em dupla ou trio, eram em média dois mediadores e uma pedagoga (eu e mais uma colega de equipe) que acompanhávamos a visita. Em alguns momentos, éramos nós pedagogas que conduzíamos a visita, em outros, eram os estagiários que faziam a mediação.

A proposta tinha por objetivo pensar a criança como sujeito do processo, onde a mediação se dava de uma forma horizontal, com base no diálogo e sobretudo nas perguntas, e eram muitas perguntas. Essas perguntas eram suscitadas pela interação das crianças com os objetos, a partir de suas experiências pessoais. Ao longo das visitas, as crianças traziam relatos de histórias que ouviram, de filmes, desenhos animados, de jogos, toda a sua experiência de vida, e o nosso papel ali era tentar aproximar o conhecimento científico do conhecimento de mundo trazido por elas.

múmias de brinquedo que vinham numa caixa de cereal, mas a múmia ganha vida devido a um encantamento feito pela babá Miss Moon que é uma feiticeira um tanto quanto atrapalhada.

De acordo com Benjamin (2002, p.58), a criança “constrói o seu mundo com os motivos do conto maravilhoso, ou pelo menos estabelece vínculos entre os elementos do seu mundo.” Ela busca fazer uma interpretação do mundo a partir de suas experiências pessoais, daquilo que apreendeu do que viveu, das histórias que ouviu. Nesse sentido, a visita ao museu, pode suscitar diálogos e interações permeadas por suas experiências pessoais, o que viu em casa, a relação com os objetos da cultura, os desenhos animados ou histórias que lhes foram contadas. Ela reinterpreta e redimensiona o que observou a partir do seu ponto de vista, daquilo que experimentou e, ao fazer isso, compartilha essa experiência com seus pares.

Em suas falas elas traduzem o mundo que lhes é dado conhecer. Essa tradução/interpretação do mundo está prenhe de imaginação, de criação, recriação deste mundo. Elas buscam significar o que aprendem a partir de suas experiências culturais. O pensamento da criança age na alternância entre o real e o ficcional. Ao pensarmos interações com as crianças de forma a estimular a curiosidade e o pensamento crítico sobre as coisas do mundo devemos levar em conta essa característica do pensamento infantil e era o que buscávamos fazer em nossas ações.

Mock (1970, apud Girardello 2011), diz que: “A imaginação pode e deve ser educada, e a experiência que ela nos dá é mais importante e válida do que qualquer outra que possamos adquirir somente através do pensamento racional”, dessa forma, pensar numa proposta educativa junto às crianças nos colocava o desafio de pensar formas de trabalhar com sua capacidade imaginativa. Não se tratava somente de apresentar os objetos, mas de permitir que as crianças construíssem narrativas sobre eles, que elas o recriassem por meio da imaginação. E elas o faziam à revelia de nossa intenção ou vontade. Como no exemplo da múmia, acima relatado. Não era a intenção do mediador falar sobre o desenho animado, como podemos perceber no relato. A fala do mediador não acompanhou a narrativa das crianças, porém, elas embarcaram na fantasia mesmo assim, com a múmia que precisaria de uma chave mágica para despertar. Da mesma forma, no exemplo da sala de aves, as crianças fazem uma relação entre o universo ficcional, das histórias mitológicas e da imaginação, com o conhecimento científico trazido pela mediadora. Voltando a primeira crônica

apresentada no início desse texto e que me motivou a buscar entender mais sobre essas associações que as crianças fazem entre o acervo e suas experiências pessoais, a história do fogo da vida ficou “queimando” na minha mente e até hoje essa chama não se apagou, pois ainda me pergunto que fogo da vida é esse. Quantas perguntas a gente não deixa de responder ou finge não ouvir das crianças? E se, ao invés de responder, pois teimamos em achar que devemos saber tudo, não perguntamos para ela o que ela quis dizer com aquilo? Se a mediadora, ou eu mesma, tivesse perguntado ao menino o que ele queria dizer com fogo da vida talvez a resposta fosse algo simples, ou algo que não pudéssemos suspeitar. Que chaves nós, adultos, precisamos para despertar nossa fantasia e permitir a fruição num espaçotempo outro para além do pedagogismo narrativo, desejoso de informar, mas que não se atém aos pequenos relatos das crianças? Que pistas elas nos dão e que nós não sabemos perceber? E como o museu pode se transformar num espaço de formação não apenas do educador do museu, mas também da professora e do professor que irá atuar na escola? Como pode haver uma interlocução, uma parceria entre o museu e a escola? Entre os educadores desses dois espaços? São questões que coloco às instituições de formação e aos museus.

Considerações Finais

Pensar as práticas educativas que experienciei ao longo desse tempo que atuo no Museu Nacional como educadora, me possibilitou sair da minha zona de conforto, das minhas fronteiras, para buscar outras formas de compreender os saberes produzidos, seja no meio científico, seja na relação dialógica tecida no espaço da sala de aula ou no museu. O museu tem me possibilitado uma formação diferente daquela adquirida na graduação em Pedagogia ou nos anos em que atuei no magistério. Uma delas é entender que os objetos ensinam (PASOLINI, 1990). As coisas mais do que as palavras ensinam, deixam marcas, mostram o mundo aos indivíduos. Uma aprendizagem que está impregnada de um olhar a respeito do mundo que traduzem uma época, uma classe, marcam um território.

O museu é um espaço limiar. Adentrar um espaço limiar é como entrar numa máquina do tempo. Entre o novo e o antigo, mora um mistério, um mistério que é peculiar a cada um. É uma experiência que nos toca, nos atravessa, como diria Larrosa (2018), a cada um de uma forma. Benjamin (2012) dizia que estamos nos tornando muito pobres de experiências limiares e refletindo sobre esta afirmação penso que é imprescindível pensarmos a formação da pedagoga e do pedagogo, assim como dos demais licenciandos, para além das fronteiras da sala de aula, num olhar que integra as diferentes formas de pensar a educação nos diferentes contextos em que ela acontece. Nessa perspectiva, o museu como um local de memória e de encontro entre diferentes gerações, de experiência e fruição, possibilita o exercício da imaginação e a apropriação de saberes sobre as diferentes produções culturais produzidas pela humanidade ao longo do tempo. É um local de encontro entre as vozes do passado e as vozes do presente. Um local de alteridade. Onde o encontro com o outro se dá a partir dos objetos e com os diferentes sujeitos que transitam por aquele espaço.

Pensar os museus como espaços limiares implica em proporcionar experiências que promovam o pensar crítico sobre o mundo e as coisas do mundo. Observando de diferentes ângulos, promovendo encontros, favorecendo a reflexão e o olhar mais atento.

Refletir sobre o fazer educativo nos espaços não formais de educação, sobretudo nos museus e centros culturais, nos possibilita, enquanto educadores, deslocarmos o nosso olhar para os diferentes sujeitos que transitam por esses espaços. É importante pensar nessa relação entre visitante e mediador, que deve ser baseada no diálogo, na troca. Pois, deve haver uma articulação entre os diferentes saberes que cada um traz consigo. No Museu Nacional vivi experiências que me possibilitaram sair do meu ponto de vista e buscar compreender o ponto de vista do outro, me deslocar do meu lugar de educadora, para compreender/perceber/ouvir/aprender com o outro, com meu interlocutor. Esse interlocutor pode ser uma criança, um adulto, jovem ou idoso, de diferentes lugares e classes sociais. Uma experiência enriquecedora e desafiadora, que tem me convidado a caminhar pelos limiares, limiares que estão sempre me conduzindo a novos espaço e saberes. Na certeza de que a cada passo, a cada caminho trilhado me

reconstruo, me refaço enquanto educadora, enquanto pessoa, como no poema intitulado Caminhante do espanhol Antônio Machado[18]:

Caminhante, são teus passos
o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho,
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se voltará a pisar.
Caminhante, não há caminho,
mas sulcos de escuma ao mar.

[18] Poema original, em espanhol: Caminante

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

Poema XXIX de Proverbios y Cantares

Referências

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2002.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª Ed. **Revista.** São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v. 1)

PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinícius C. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. **Caderno Cedes,** Campinas, vol.30, n.82, p.383-396, set./dez. 2010

CASTRO, Fernanda Rabello de. Há sentido na Educação não formal na perspectiva da formação integral? **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**, Brasília, v.4 , n. 8. 2015.

CURY, Marília Xavier. O Sujeito do Museu. **Revista Musas.** n.4. p. 86-97. 2009

DESTERRO, P. B. **"Você sabe o que é o fogo da vida?"** Narrativas de crianças sobre o Museu Nacional. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2020, 139 p.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Entre a vida e a morte. In: OTTE, G., SEDLMAYER, S., CORNELSEN, E. **Limiares e Passagens em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010, p.12-26

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na Infância. **Pro-posições,** Campinas, v.22, n.2, p.75-92, maio/ago.2011.

Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação** Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1ª ed. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOPES, Maria Margareth. A favor da desescolarização dos Museus. In: **Educação e Sociedade.** V. 14, n.40, 1991.

PASOLINI, Pier Paolo. **Os jovens Infelizes**. Antologia de Ensaios Corsários. Editora Brasiliense, 1990.

TRILLA, Jaume. **Educação Formal e não-formal:** Pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008. (Coleção Pontos e Contrapontos)

Data de envio: 06/08/2020

Data de aceite: 26/10/2020.